

# O FORMALISMO NAS TEORIAS DE VERDADE POR CORRESPONDÊNCIA.

Eduardo Rêgo (Bolsista PIBIC/UFPI), Gerson Albuquerque (Orientador, Departamento de Filosofia/UFPI).

## Introdução

O objetivo do presente trabalho é o de investigar a Teoria do Significado de Davidson e o uso que esta faz da Teoria Semântica da Verdade de A. Tarski para cumprir os seus objetivos. Durante o desenvolvimento deste trabalho, procuraremos esclarecer pontos-chave da teoria davidsoniana como os de composicionalidade, a diferença de tarefas de uma teoria da verdade tarskiana para uma do significado, bem como a noção de “princípio da caridade”.

## Metodologia

A metodologia para realização deste trabalho consistiu na leitura sistemática dos textos da Bibliografia bem como as discussões sobre o tema com o orientador do projeto.

## Resultados e Discussão

Uma Teoria do Significado, como Davidson a entende, é uma teoria que capture a estrutura da competência linguística de um falante que compreende e produz uma infinidade de sentenças a partir de um conjunto finito de palavras associado a um conjunto de axiomas de número também finito e determinável. Davidson acredita além disso que ao fornecer uma teoria que explicita como esta curiosa característica de nossa competência de falantes é possível, estaria-se assim fornecendo também uma teoria composicional (*constructive*) do significado, e ainda, que a melhor forma de se construir uma teoria que desempenhe este requisito é adaptando às linguagens naturais uma teoria que conserve algumas das características da Teoria Semântica da Verdade.

*“Davidson’s program is developed from two starting points. The first is the insistence that a meaning theory for a natural language be cast as a compositional meaning theory. This is the main theme of ‘Theories of Meaning and Learnable Languages’. The second is the proposal, first put forward in ‘Truth and Meaning’, that the most philosophically perspicuous way of doing this is adapting a Tarski-like axiomatic truth theory for the purpose.”* (LEPORE; LUDWIG, 2007)

Uma Teoria Composicional do Significado é uma teoria que captura a estrutura da competência linguística de um falante, mas não apenas isso, a teoria precisaria ainda definir um predicado que fosse aplicável à todas as sentenças gramaticalmente corretas ou wff’s da linguagem e além disso teria de ser capaz de fornecer o significado de qualquer sentença de uma determinada linguagem objeto, recorrendo apenas aos seus aspectos puramente formais.

*[CM] A compositional meaning theory for a language L is a formal theory that enables anyone who understands the language in which the theory is stated to understand the primitive expressions of L and the complex expressions of it on the basis of understanding the primitive ones. (Ibid)*

A ideia de Davidson é que ao axiomatizar as partes mais básicas da linguagem, à quais ele chamou de “*semantical primitives*”, poderíamos construir sentenças complexas a partir de termos semânticos primitivos. Um termo semântico primitivo de uma linguagem é aquele em que as regras que dão o significado das sentenças em que este não aparece não são suficientes para fornecer o significado das sentenças em que este aparece, entre eles encontramos: nomes próprios (Nelson) e demonstrativos (isto, aquilo), predicados n-ádicos (é vermelho), conectivos sentenciais (e, ou, se...então) e quantificadores sentenciais (Algum, Todo).

Davidson abandona a clássica tentativa de construir uma Teoria do Significado apelando para

---

os significados como entidades. Os passos que ele segue são: primeiro elimina-se do esquema (M) o vocabulário intensional e substitui-se por seu próprio predicado semântico “T”, e segundo certifica-se de fazer de “p” o definiens extensional do predicado semântico acrescentado. O esquema (M) ficaria desta maneira:

(M) S é T sse p

O que Davidson propõe é que além de uma teoria que explique como as expressões compostas das linguagens naturais podem ser construídas a partir das mais simples, tenhamos também uma outra que nos forneça critérios para a axiomatização das partes atômicas da linguagem em estudo, mas uma teoria de natureza bem diversa da primeira, esta teoria teria de ser empírica já que faz correlações entre as expressões de uma linguagem e o que é o caso, ou seja, o que alguém enuncia e o mundo. A exigência traz uma grande vantagem para a teoria do significado de Davidson já que assim esta poderia ser testada empiricamente.

Um indivíduo munido de uma teoria para um dialeto tribal, por exemplo, poderia fazer a seguinte asserção dado o que a teoria lhe fornece sobre o significado das expressões da linguagem objeto:

B<sup>o</sup>o<sup>l</sup>a<sup>^</sup>krang<sup>^</sup> é T sse a água está fria

Observando o comportamento dos falantes do dialeto o indivíduo que está a construir uma teoria do significado para aquela linguagem pode colher indícios favoráveis à sua teoria notando, por exemplo, que quando em contato com a água fria de um rio o falante da linguagem em estudo tende a emitir “Boola krang!”, ou o contrário, pode colher indícios contrários à sua teoria quando em contato com água quente ou em outra situação que não envolva sequer água, o falante tenda a emitir a mesma frase.

### Conclusão

Para alguns autores, a insitência de Davidson em tentar aliar um holismo semântico com a composicionalidade lhe traz sérias dificuldades explanatórias, um exemplo delas é que se a teoria não é capaz de fornecer os significados das palavras independentemente, então tudo o que ela pode fornecer, e Davidson parece endossar isto, é o papel que a palavra desempenha dentro da sentença e como aquela palavra em específico muda o significado da proposição quando aparece em tais e tais funções. Mas fornecer informações deste tipo não nos fornece tudo o que um falante competente de uma língua sabe sobre ela.

Não obstante, a tentativa de Davidson de tentar unir o holismo à composicionalidade é muito engenhosa, isso lhe permite explicar diversas características das línguas naturais sem ter de apelas para o significado das palavras e ao mesmo tempo lhe fornecendo o teste empírico como “termômetro” da teoria. Entretanto, ainda é difícil ver se a teoria do filósofo é capaz de fornecer de fato toda a informação possuída por um falante de uma linguagem natural já que os problemas metodológicos são muitos, e alguns, como vimos, de consequências sérias.

**Apoio:** UFPI

### Referências

DAVIDSON, Donald. Ensaio Sobre a Verdade. Organizado por Paulo Ghiraldelli Jr., Pedro F. Bendassolli e Waldomiro José da Silva Filho. Traduzido por Paulo Ghiraldelli Jr e Pedro F. Bendassolli. - São Paulo: Unimarco Editora, 2002.  
 HAACK, Susan. Filosofia das Lógicas. Traduzido por Cesar Augusto Mortari, Luiz Henrique Dutra.- São Paulo: Editora Unesp, 2002  
 HAHN, Hans. Empiricism, Logic and Mathematics: Philosophical Papers. In: Vienna Circle Collection. Dordrecht: Ed.Reidel Publishing Company, 1980.  
 KIRKHAM, Richard L. Theories of Truth: A Critical Introduction. MIT Press, Massachusetts: 1992.

LEPORE, Ernest; LUDWIG, Kirk. Donald Davidson's Truth-Theoretic Semantics. Ed. Claredon Press, New York:2007.

TARSKI, Alfred. A Concepção Semântica da Verdade e os Fundamentos da Semântica. In: A Concepção Semântica da Verdade: Textos Clássicos de Tarski. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

**Palavras-chave:** Verdade; Semântica; Linguagem.